



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO

CURSO DE PSICOLOGIA

ELIENE FREITAS DOS SANTOS

MARIA VICTÓRIA FERNANDES GOMES

**A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO
ADOLESCENTE: Uma Revisão Integrativa a partir da Gestalt-Terapia.**

FORTALEZA

2022

ELIENE FREITAS DOS SANTOS E MARIA VICTÓRIA FERNANDES GOMES

**A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO
ADOLESCENTE: Uma Revisão Integrativa a partir da Gestalt-Terapia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Fametro (Unifametro), como requisito para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Aline Gadelha de Almeida Duarte

FORTALEZA

2022

ELIENE FREITAS DOS SANTOS E MARIA VICTÓRIA FERNANDES GOMES

**A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO
ADOLESCENTE: Uma Revisão Integrativa a partir da Gestalt-Terapia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Fametro (Unifametro), como requisito para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Aline Gadelha de Almeida Duarte

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a.Ms. Aline Gadelha de Almeida Duarte
Orientador(a) – Centro Universitário Fametro

Prof.^a.Ms. Olívia Lima Guerreiro de Alencar
1º Examinador – Centro Universitário Fametro

Prof.^a.Ms. Amanda Lívia de Lima Cavalcante
2º Examinador – Centro Universitário Fametro

FORTALEZA

2022

SUMÁRIO

RESUMO	5
1.INTRODUÇÃO	7
2.REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1. Os Princípios Básicos da Gestalt-Terapia	9
2.2.As Relações Familiares e a Educação Parental	11
2.3. Adolescência e Autonomia	12
3.METODOLOGIA	13
4. RESULTADOS	16
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	22
5.1. A relevância da família no desenvolvimento da autonomia do adolescente	22
5.2. O contexto da pesquisa e da saúde	26
6.CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	29

Sejam fortes e corajosos, e não tenham medo,
nem fiquem apavorados diante deles;
porque o Senhor, seu Deus, é o quem vai com vocês;
Ele não os deixará, nem os abandonará.
Deuteronômio 31:6

A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO ADOLESCENTE: Uma Revisão Integrativa a partir da Gestalt-Terapia

**Maria Victória Fernandes Gomes
Eliene Freitas dos Santos¹
Aline Gadelha de Almeida Duarte²**

RESUMO

A família é o primeiro núcleo social do indivíduo. Desse modo, a função básica da família no desenvolvimento humano é acolher, satisfazer e proteger seus membros ao mesmo tempo que se permite frustrá-los, aceitá-los em suas diferenças e facilitar o fortalecimento da autonomia. Portanto, a maneira que os pais educam os filhos é uma das variáveis que pode influenciar o processo de construção da autonomia. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a influência da família no desenvolvimento da autonomia do adolescente a partir da Gestalt-terapia. O procedimento metodológico adotado consiste numa revisão integrativa de literatura com o estudo de natureza qualitativa. Na presente pesquisa foram utilizados estudos científicos da base de dados da Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Periódicos CAPES e Ebsco Host e que foram publicados no período de 2012 a 2022. Tendo em vista os dados coletados, constatou-se que a família pode contribuir de forma direta na construção da autonomia do adolescente por meio de limites bem estabelecidos, em que o adolescente consegue se perceber como sendo diferente do outro, adquirindo contornos precisos no processo de formação do self. Partindo desse cenário, quando estes limites não são bem definidos, ou seja, quando a percepção do eu e do outro é deficiente, o adolescente não consegue discriminar seu eu, podendo se misturar com o outro, ou ter limites rígidos e rejeitar tudo aquilo que difere de si; nesse contexto a família pode dificultar o processo de desenvolvimento da autonomia, negligenciando ou superprotegendo o filho.

Palavras chaves: relações familiares; educação parental; adolescência; autonomia; gestalt terapia.

¹ Graduandas do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia, Prof^a. Orientadora do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Fametro-UNIFAMETRO.

ABSTRACT

The family is the first social nucleus of the individual. Thus, the basic function of the family in human development is to welcome, feel and protect its members while allowing itself to frustrate them, accepting them in their differences and facilitating the strengthening of autonomy. Therefore, the way parents educate their children is one of the variables that can influence the process of building autonomy. The general objective of this research is to analyze the influence of the family in the development of the adolescent's autonomy based on Gestalt therapy. The methodological procedure adopted consisted of an integrative literature review with a qualitative study. In the present research, scientific studies were used from the database of the Online Scientific Electronic Library (SciELO), Periodicals Electronics in Psychology (Pepsic), Periodicals CAPES and Ebsco Host and that were published in the period from 2012 to 2022. It was found that the family can directly contribute to the construction of the adolescent's autonomy, through well-established limits, in which the adolescent is able to perceive himself as being different from the other, acquiring precise contours in the process of self formation. Based on this scenario, when these limits are not well defined, that is, when the perception of the self and the other is deficient, the adolescent cannot discriminate his/her self, being able to mix with the other, or have rigid limits and reject everything that it differs from itself; in this context, the family can hinder the process of developing autonomy, neglecting or overprotecting the child.

Keywords: family relationships; parental education; adolescence; autonomy; gestalt therapy.

1 INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterápica fenomenológica e existencial que surgiu na década de 50. Esta abordagem foi formulada por Frederik e Laura Perls e teve colaboração de outros profissionais, como Paul Goodman, Ralph Hefferline, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman, em sua origem e desenvolvimento. O nome Gestalt vem do alemão, e significa “uma configuração”, “uma organização” específica de partes que constitui um todo particular. (GINGER; GINGER,1995).

A partir dessa perspectiva teórica, o mundo é entendido como uma matriz geradora de toda atividade humana formada por um conjunto de relações significativas na qual as pessoas se individualizam e se singularizam pelas diferenças, funcionando como um instrumento que permite a localização da pessoa no mundo e a percepção de suas funcionalidades e disfuncionalidades, suas coerências e incoerências em relação às atividades e sentidos no mundo. (RIBEIRO, 2011).

Nesse sistema de entendimento, conforme argumenta Frazão e Fukumitsu (2013) a gestalt terapia é uma abordagem que tem uma concepção de homem como uma totalidade biopsicossocial, um ser em potencial, consciente, responsável, particular e com formas próprias que se elabora no contato. Portanto, esta entende o desenvolvimento humano como uma implicação na forma que a pessoa estabelece o contato nas relações durante sua vida. Com isso podemos compreender que durante o desenvolvimento o sujeito passa por muitas interações com o meio que está inserido, assim se ajustando criativamente a cada acontecimento.

A partir de uma visão holística pode-se compreender que o ser humano é um ser relacional e está sempre em evolução, pois o indivíduo se estabelece através do contato com o outro; neste sentido toda ação ou comportamento reflete no mundo de acordo com essa perspectiva de ser humano que é relacional e contextual (NASCIMENTO; RIBEIRO,2017).

Assim compreende-se que a dinâmica e contexto familiar deste é essencial, pois a instituição da família é o primeiro núcleo social e relacional do indivíduo e um dos mais significativos para um desenvolvimento propício, pois quando o meio em relação com o indivíduo possui todos os recursos necessários existe uma tendência para uma maturação física e psicológica da pessoa. Dessa forma os indivíduos que fazem parte de uma configuração familiar estão em constante interação, afetando uns aos outros na busca de autorregulação. Esse conceito pode ser entendido sobre o modo como o sujeito reage e responde às expectativas e necessidades do outro na busca de um equilíbrio (AGUIAR, 2014; WAGNER,2011).

Dito isto, é válido salientar que cada família apresenta suas dificuldades e complexidades relacionais, sem desconsiderar os desafios presentes em cada época e sociedade, mas os compreendendo de uma perspectiva psicológica gestáltica, isto é, acreditando-se que cada pessoa no seio familiar é um ser único e responsável por suas escolhas, respeitando suas singularidades e capacidade de adaptação.

Diante dessas reorganizações familiares acontece de membros da família extensa, padrastos/madrastas, irmãos mais velhos ou outros indivíduos próximos à família nuclear serem responsáveis pela formação e educação das crianças e adolescentes, exercendo assim as funções parentais.

Nessa esteira, a educação parental é fundamental no desenvolvimento dos filhos e de sua autonomia. Aguiar (2014) afirma que a função básica da família no desenvolvimento humano é a confirmação do ser humano em sua especificidade, promovendo sua diferenciação do outro. Dessa forma o desafio da família é acolher, satisfazer e proteger seus membros ao mesmo tempo em que se permite frustrá-los, aceitá-los em suas diferenças e facilitar o desenvolvimento da autonomia.

Quando se trata do exercício da função parental com adolescentes, conforme argumenta Silva (2015), surgem desafios, pois o adolescente agora tem novas necessidades, e o mesmo busca por seu espaço, passa por mudanças de comportamento e pensamento, necessitando de uma reorganização nas relações de pais e filhos. Nesse cenário salienta-se que a família (principalmente os pais) e suas práticas educacionais exerçam um papel essencial no processo de amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial do adolescente, visto que estes podem facilitar ou dificultar este processo.

Desta maneira, durante o crescimento o adolescente passa por várias transições, e um marcante acontecimento é a conquista da autonomia. Para Wagner e Barbosa (2013) a autonomia é habilidade que se inicia e se desenvolve a partir da relação afetiva com figuras de referência, e sofre influência da educação parental.

Esta habilidade se acentua na adolescência, e pode ser compreendida como a capacidade do adolescente em mediar e solucionar problemas, vivenciar e tomar decisões que envolvem o próprio adolescente ou até mesmo outros, incluindo membros da família. Portanto, o desenvolvimento da autonomia é parte do processo de amadurecimento para o adolescente e envolve transformações nas relações (WAGNER; BARBOSA, 2013).

O presente trabalho aborda a temática a relevância da família no desenvolvimento da autonomia do adolescente, assim compreendendo os desafios que surgem durante esse

processo. Diante disso, surge a seguinte questão problema: Qual a influência da família no desenvolvimento da autonomia do adolescente?

Esta pesquisa é motivada pela necessidade das pesquisadoras de encontrar referencial teórico sobre autonomia e família na abordagem da gestalt-terapia para auxiliar nos atendimentos do estágio de psicologia clínica e futuros atendimentos como psicólogas.

A partir disso, o objetivo geral deste estudo é analisar sobre a influência da família no desenvolvimento da autonomia na adolescência, considerando que o tema é essencial para auxiliar professores, pais e profissionais de saúde, e principalmente gestalt-terapeutas, a compreender os modos de ser e amadurecer do adolescente. E os objetivos específicos são: refletir sobre relações familiares e educação parental, discutir sobre os aportes teóricos que se referem a fase da adolescência e sobre autonomia, e expor os principais conceitos da Gestalt-terapia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os princípios básicos da Gestalt-terapia

Alguns conceitos da Gestalt-terapia são relevantes para a compreensão desta pesquisa. A Gestalt-terapia compreende o todo do organismo de forma fenomenológica, entendendo que os fenômenos devam ser compreendidos através da forma com que aparecem e se apresentam para os indivíduos. Todo acontecimento é compreendido de forma individual, sendo entendido a subjetividade como algo inerente a cada um. Para Gestalt-terapia o todo não pode ser compreendido através da análise de partes, mas sim da compreensão e da interação entre suas partes. Dessa forma, busca o desenvolvimento pessoal, baseado na potencialidade humana de autorregulação e autogestão visando a plena realização do ser (CORDEIRO, 2019; GINGER; GINGER, 1995).

Na teoria do Campo de Kurt Lewin, o meio é fenomenológico, isto é, o campo se apresenta como sendo o contexto que esse sujeito está inserido. Portanto, as mudanças (relacionais e emocionais) as quais os adolescentes passam nessa fase acabam por influenciar diretamente o meio no qual estão inseridos. Nesse sentido, o contato do adolescente com o mundo é função do campo, uma elaboração fruto de uma relação dinâmica existente na relação pessoa-mundo. (SILVA, 2015).

É importante ressaltar que conforme ocorrem as alterações, no meio social ou familiar, o campo das pessoas que compõem o meio é transformado e/ou reorganizado. A teoria do campo na gestalt-terapia refere-se à ideia de que a pessoa existe apenas em relação ao campo psicológico a qual faz parte (GUALBERTO; ANDRADE, 2021).

A partir do contato do indivíduo com o meio, isto é o processo pelo qual ele se dá conta, como numa percepção imediata e implícita, ocorrem mudanças e necessidades, podendo surgir o processo de figura-fundo. Podemos entender que esse processo ocorre quando a figura é o objeto principal e o fundo pode ser definido como sendo o restante dos estímulos que não se destacam. Com base na interação do adolescente com o ambiente, compreendemos a função do self, pois sempre que existir interação com a fronteira, o self será responsável pelos ajustamentos criativos na fronteira de contato (RIBEIRO, 2019; LEHMKUHL, 2015).

Na Gestalt-terapia a ideia de limites está associada à formação do Self. Este conceito (self) pode ser compreendido por Frazão e Fukumitsu (2014) como um processo contínuo de percepção, seleção, valorização, previsão, integração e atribuição de sentido a si e ao ambiente, compreendendo a si mesmo em ação no campo. Dessa forma, o self existe em relação, e nunca de maneira isolada, nesse cenário existe a percepção do diferente, localizado no limite que dá contorno entre o “eu” e o outro.

Partindo-se dessa ideia, podemos pontuar sobre o conceito de individualização, onde o indivíduo que está em interação com o meio busca o processo de autopercepção, isto é, numa tentativa de aproximação do eu, o sujeito pode passar por conflitos buscando se ajustar criativamente. O ajustamento criativo é um processo dinâmico no qual o indivíduo assume a responsabilidade de criar meios para produzir seu próprio bem estar, a partir de um engajamento do indivíduo com o ambiente na busca da resolução de situações e restauração do equilíbrio e da saúde do organismo, acontecendo por meio da autorregulação orgânica (FREITAS, 2016; LEHMKUHL, 2015).

Assim, sob uma visão gestáltica, a pessoa está saudável quando se relaciona com o meio de forma criativa, levando em conta as suas necessidades e respeitando o outro. Já o funcionamento não saudável é quando a pessoa apresenta padrões cristalizados e repetitivos ao se relacionar com o meio utilizando-se dos mesmos recursos para lidar com as situações com as quais se depara, respondendo sempre de uma única forma. Com isso podemos pontuar o conceito de saúde e doença, que pode ser compreendido como formas que o organismo tenta dar sentido às suas experiências, buscando trocas com o contexto que está inserido (SILVA, 2015).

Outro conceito essencial nessa perspectiva é o de Awareness, que na Gestalt-terapia refere-se à tomada de consciência do indivíduo de forma global no momento presente, resultando de um conjunto de percepções pessoais. A awareness proporciona um processo de transformação e de integração harmoniosa com o mundo, podendo trazer uma sensação de finalização, completude e de novas possibilidades. (CORDEIRO, 2019).

2.2 As Relações Familiares e a Educação Parental

O conceito de configuração familiar nos permite compreender a construção e o funcionamento do núcleo familiar. Podemos entender que as famílias têm diferentes configurações que variam desde as mais tradicionais, como por exemplo, mãe, pai e filhos, sendo deferido pela consanguinidade e parentesco, até as mais complexas, compreendendo os modelos que foram surgindo ao longo dos tempos (PRÁ, 2013).

Na família uns membros fazem parte do campo existencial dos outros, e a mudança na vida de qualquer indivíduo afetará a família como um todo. Diante desse cenário podemos pontuar que essas mudanças podem exigir uma reorganização do campo familiar, a partir de situações que surgem ao longo da vida tais como: chegada de um novo membro, mudança de emprego, de casa, perda de um ente querido, casamento, separações, entrada dos filhos na escola, adolescência e ingresso dos filhos na vida adulta, nascimento de netos, entre outras mudanças, buscando a melhor forma possível de manter-se conforme o princípio de autorregulação.

Os pais têm função reguladora para os filhos, pois conforme eles crescem essas funções mudam de intensidade visto que o bebê costuma necessitar de um maior apoio parental que o adolescente. Conforme proposto por Aguiar (2014) é por meio da função reguladora dos pais que a criança aprende a internalizar sua possibilidade de autorregulação, ou seja, a capacidade de se perceber como diferente do outro, com necessidades e recursos para satisfazê-las.

Quando se trata do exercício da função parental com adolescentes surgem desafios, pois o adolescente agora tem novas necessidades e busca por seu espaço, passa por mudanças de comportamentos, sentimentos e pensamentos. Com isso, se os adolescentes e os pais não conseguirem se ajustar criativamente, haverá um conflito na fronteira de contato, pois através do ajustamento criativo ocorre a autorregulação frente a situações diversas, e quando ambos

(pais e filhos) não encontram um consenso e/ou compreensão um do outro em suas divergências, não há expansão das fronteiras, não há contato. (SILVA, 2015).

Pinheiro e Zanella (2021) argumentam que o adolescente necessita de nutrição emocional, respeito, confirmação, contorno e cuidado, e os pais necessitam estar sensíveis a estas necessidades e desenvolver estratégias de se comunicar com os adolescentes para fornecer o que eles precisam. Diante destas necessidades e desafios da educação parental na adolescência, percebe-se que cada família se organiza de acordo com seu ajustamento criativo, desenvolvendo suas dinâmicas familiares subjetivas e as diversas formas de educar os filhos.

2.3 A Adolescência e a Autonomia

As teorias do desenvolvimento possuem um papel importante na história da psicologia, visto que estas foram responsáveis por explicar o fenômeno da adolescência baseado em duas perspectivas principais; uma que compreende como fase distinta do desenvolvimento e outra que a caracteriza como período marcado por crescentes e inevitáveis níveis de turbulência. Tais perspectivas organizam os estudos da adolescência sob uma ênfase orgânica ou contextualista (SENNA; DESSEN, 2012).

Cunha (2018) afirma que não se pode compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, sociais e culturais que a envolve, visto que são indissociáveis e imprescindíveis para uma melhor compreensão. Adota-se aqui a compreensão de desenvolvimento da Gestalt-terapia, sendo caracterizada segundo Dias e Lima (2018) como um período de crescimento, podendo-se observar a passagem de heterossuporte (suporte externo) para autossuporte (suporte interno).

A partir dessa perspectiva convém pontuar que crescer significa necessitar menos dos recursos externos (como aqueles fornecidos pelos pais) para suprir suas necessidades e aprender a partir do que integrou como parte de si a se organizar no meio e agir com base em recursos próprios, como por exemplo tomar uma decisão e lidar com as consequências, fazer e/ou conseguir seu próprio alimento entre outras atitudes autônomas. O adolescente vivencia esta passagem do heterossuporte para o autossuporte de maneira mais marcada e singular, pois ele pode experienciar flutuações entre momentos de muita dependência dos pais e momentos de certas independências, onde tenta tomar suas próprias decisões. (PINHEIRO; ZANELLA, 2021).

Segundo Aguiar (2014) a autonomia é a capacidade de avaliar e escolher como e quando o outro é importante; para esse processo ser realizado e para o indivíduo aprender a diferenciar o

que é nocivo do que é nutritivo, ainda na infância é necessário que seja oferecido a criança possibilidades gradativas de discriminação.

Nesse tocante, é necessário que a criança se sinta segura o suficiente para aceitar do meio externo (ideias, crenças e comportamentos) o que for nutritivo, recusar o que for nocivo e transformar o que vem do mundo sem engoli-lo por inteiro. Quando esse processo não é bem estabelecido na infância, na adolescência torna-se necessário questionar as introjeções (ideias e crenças que são absorvidas do meio e que não lhes são próprias) provenientes do ambiente e se diferenciar como uma pessoa singular, ou seja, estabelecer limites como um fator que norteia a diferença entre o eu e o outro. (AGUIAR, 2014).

Na adolescência ter a habilidade de discriminação consolidada é fundamental para o jovem superar sem grandes dificuldades o desafio de redefinir uma identidade singular e entrar no mundo adulto. Para isto a pessoa precisa de espaço para expressar seus sentimentos e exercitar sua capacidade de tomar decisões, enfrentar situações e resolver problemas mesmo que isso possa resultar em frustração (AGUIAR, 2014).

O adolescente deseja autonomia e liberdade. Na tentativa de afirmar sua identidade este pode entrar em conflito com o meio, passando pelo luto da infância e dos pais da infância que está deixando para trás, as lembranças e a total dependência da criança de seus genitores, o que já o deixa sentimentalmente sensível, questionando suas introjeções familiares e sociais. Dessa forma é um período de descoberta de si no mundo, de voltar-se para os pares, onde o adolescente tenta se engajar em algo que o represente (DIAS; LIMA, 2018).

É importante salientar que muitos adolescentes querem ter as experiências de independência, prazer e liberdade do adulto sem a responsabilidade e o autossuporte para lidar com as consequências de suas escolhas. Tais vivências na contemporaneidade do Brasil são influenciadas pelo individualismo, pela descartabilidade, pelo hedonismo, pelo culto ao corpo e por valores que podem fragilizar as relações (DIAS; LIMA, 2018).

Para lidar com tantas questões físicas, emocionais e culturais o adolescente precisa se fortalecer em sua rede de apoio, e é nesse contexto que a família pode ser considerada a principal rede de apoio e influenciadora da autonomia para o adolescente. Por isso é importante que a família crie um espaço para comunicação, aprenda a lidar com suas dificuldades e auxilie os adolescentes a desenvolver uma identidade própria e coletiva, considerando que o comportamento dos jovens afeta e é afetados pela dinâmica familiar (BARBOSA; WAGNER, 2014).

3 METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo deste artigo optamos pelo método da revisão integrativa da literatura, visto que é a mais ampla abordagem metodológica. O método de revisão integrativa de literatura tem como finalidade compendiar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema em questão, de maneira sistemática, ordenada e ampla (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014). É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento.

Para realização do presente trabalho foram seguidas as seguintes etapas: escolha do tema e da questão norteadora, critérios de inclusão e exclusão para busca nas bases de dados, categorização das informações encontradas nos estudos sobre autonomia, adolescência, família e gestalt-terapia.

Ao longo do estudo foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Periódicos Capes e Ebsco Host. Na pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: família, autonomia e adolescência em uma busca, que resultou em oito artigos; entretanto, apenas um artigo possuía os descritores ou similares no assunto sendo resgatado da plataforma SciElo para análise e denominado: “Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia”.

Em uma segunda busca com os descritores: gestalt-terapia, adolescência e autonomia nas quatro plataformas utilizadas, resultou em apenas uma obra, proveniente da plataforma Capes e denominada: “A adolescência e o contexto familiar: reflexões a partir da Gestalt-terapia” que a princípio não seria resgatada para análise por não possuir a autonomia como assunto nas palavras-chaves, mas devido a carência de artigos encontrados foi selecionada para análise.

Devido a escassez de referências nas plataformas investigadas sobre as temáticas deste trabalho de forma articulada, foram utilizadas a busca dos termos separadamente, sendo “autonomia e adolescência”, “gestalt-terapia e adolescência”, e “família e autonomia” como estratégias para expandir a busca, mas sempre tendo cautela em permanecer na perspectiva teórica da gestalt-terapia.

O levantamento foi realizado no mês de outubro a dezembro, e foi utilizado como critério de inclusão: obras em língua portuguesa, na área temática da psicologia, em coleções do Brasil, no formato de artigo, publicadas entre 2012 e 2022, pois é relevante para o meio acadêmico trazer informações atualizadas sobre o tema. E os critérios de exclusão foram: obras

que não possuíam os termos como assunto principal no título e/ou palavras chaves, que não disponibilizam o texto completo, que estavam duplicadas ou indisponíveis.

Para uma melhor compreensão da pesquisa, foram construídas tabelas desse processo de busca:

Tabela 1: Resultados encontrados em quatro plataformas

Descritores	SciELO	Capes	Pepsic	Ebscohost
Família e Autonomia e Adolescência	0	1	0	0
Gestalt-terapia e Adolescência e Autonomia	4	1	0	3
Autonomia e Adolescência	6	9	4	15
Gestalt-terapia e Adolescência	0	4	3	0
Família e Autonomia	18	26	1	0
Total	28	41	8	18

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 2: Artigos selecionados para análise

Processo do resultado	SciELO	Capes	Pepsic	Ebscohost
Resultado bruto	28	41	8	18
Resultado após critérios de inclusão e exclusão	2	4	4	2
Resultado para análise	12 obras			

Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir dos descritores escolhidos no presente estudo, a busca resultou em 95 (noventa e cinco) artigos em 4 (quatro) plataformas; destes, após a exclusão por estarem repetidas, em idiomas estrangeiros, indisponíveis ou não possuírem os termos como assunto principal, restaram 12 obras para análise.

4 RESULTADOS

Após leitura flutuante do material encontrado e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram analisados 12 artigos, conforme apresentado na tabela a seguir:

Tabela 3: Artigos analisados

Nº	Título	Autor/ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados e Conclusões
1	A Adolescência e o Contexto Familiar: Reflexões a partir da Gestalt-Terapia.	FISCHER, Daniela; MACEDO, M.L.W. dos Santos/ 2018	Artigo de Estudo de caso a partir da Gestalt-Terapia	Articular a teoria da Gestalt-terapia com um caso de uma adolescente atendida pela estagiária de psicologia.	Foi identificado que a família da adolescente que faz psicoterapia individual no serviço estar confluyente, com fronteiras em alguns aspectos rígidas e frouxas. O trabalho a partir da relação dialógica, auxiliando na reflexão sobre a vida, seu meio relacional e contextual, vem contribuindo para o processo de autonomia, diferenciação e individuação da adolescente.
2	A autonomia na adolescência: Revisando o conceitos, modelos e variáveis.	BARBOSA, Paola Vargas e WAGNER, Adriana/2013	Artigo de revisão sistemática das publicações brasileiras e internacionais	Descrever os principais conceitos, modelos teóricos e variáveis associadas à autonomia adolescente	Diversidade de conceitos e instrumentos para compreensão da autonomia adolescente. Esta é descrita como complexa e associada a variáveis contextuais de ajustamento e clima familiar.

Continua.

Tabela 3: Artigos analisados

Nº	Título	Autor/ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados e Conclusões
3	Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos	VELHO, Maria Teresa Aquino de Campos; QUINTANA, Alberto Manuel; ROSS, Álvaro Garcia/2014	Artigo de estudo qualitativo, através da revisão da literatura	Refletir sobre a da adolescência, considerando o seu contexto social, psicológico e moral e discutir as implicações éticas da pesquisa epidemiológica, clínica ou farmacológica com os adolescentes.	A partir das teorias do desenvolvimento moral, atreladas às ideias de Kohlberg e Gilligan apontam estágios do desenvolvimento moral em que os adolescentes podem fazer suas escolhas e administrar suas consequências. Tais escolhas podem ser a decisão de participar, de modo autônomo e independente, de determinados tipos de estudos, desde que previamente avaliados por comitês de ética em pesquisa.
4	Adolescência: fenômeno singular e de campo	BARONCELLI, Lauane. /2012	Artigo qualitativo de análise de literatura sobre adolescência da Gestalt-Terapia e da psicologia Sócio-Histórica.	Analisar como a Gestalt-Terapia refuta a perspectiva de que a adolescência é uma série de características previsíveis e comuns para todos que vivenciam esta fase.	A adolescência como fenômeno abstrato e universal entra em choque com a perspectiva da Gestalt-Terapia que compreende o homem como um ser contextualizado (ser-no-campo) e singular e, portanto, como um existente que só pode ser compreendido no interior de suas relações sempre complexas e únicas com o mundo.

Continua.

Tabela 3: Artigos analisados

Nº	Título	Autor/ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados e Conclusões
5	1. A autonomia Relacionada como Tendência do Desenvolvimento do Self: Novas Evidências em um Contexto Brasileiro	SEIDL-DE-MOURA [et al.] / 2017	Artigo de estudo de campo com membros de famílias, babás e professores de creche residentes do Rio de Janeiro, sobre a autonomia e o desenvolvimento do self.	Ampliar a investigação sobre a autonomia relacionada (AR) ser o modelo dominante em estudos sobre o desenvolvimento do self.	Identificou-se a valorização do modelo de autonomia relacional para todos os participantes. O efeito da escolaridade foi significativo sobre os escores de autonomia-relacionada dos pais, dos filhos e seus avós, assim como das mães participantes dos dois estudos.
6	Como se define a autonomia? O perfil discriminante em adolescentes Gaúchos	BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. /2015	Artigo de pesquisa de campo com adolescentes gaúchos visando descobrir como variáveis individuais, familiares e contextuais diferenciam maiores e menores níveis de autonomia entre jovens.	Construir um perfil discriminante para compreender altos e baixos níveis de autonomia em adolescentes.	Os resultados corroboram a multifuência de variáveis contextuais, valores parentais, estilos educativos e a legitimidade da autoridade parental no construto da autonomia e a relevância do relacionamento parental para seu desenvolvimento.

Continua.

Tabela 3: Artigos analisados

Nº	Título	Autor/ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados e Conclusões
7	Entre o medo e o desejo de crescer	BERNARD O, Margarida [et al.] /2018	Artigo de estudo de caso clínico de um jovem com doença mental, descrevendo o seu percurso terapêutico em regime de internamento hospitalar parcial.	Retratar o processo diagnóstico e percurso terapêutico de um jovem com doença mental, em regime de internamento hospitalar parcial.	Com a ajuda da equipe técnica multidisciplinar e de um tratamento integrado e personalizado, foi possível que o jovem retomasse o seu percurso de desenvolvimento, abandonado quando o medo ultrapassou o desejo de crescer.
8	O Cuidado Compartilhado em Saúde Mental como Potencial de Autonomia do Usuário	LIMA, Mirla da Silva; AGUIAR, Ana Caroline Leite de; SOUSA, Mabel Melo/ 2016	Artigo de pesquisa qualitativa baseada nas técnicas de observação participante, com registro em diário de campo e de entrevistas semiestruturadas com dez sujeitos, dentre.	Descrever como se dá a relação entre a família e a equipe multiprofissional de um CAPS Geral da região metropolitana do Ceará, no que se refere ao cuidado compartilhado com saúde mental.	Observou-se a baixa adesão ao grupo de família e uma maior frequência dos familiares como acompanhantes nos atendimentos individuais e nos momentos de crise. Identificou-se ainda a legitimidade da relação entre o cuidado compartilhado e a autonomia do usuário.

Continua.

Tabela 3: Artigos analisados

Nº	Título	Autor/ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados e Conclusões
9	Os conflitos na fronteira de contato entre pais e filhos adolescentes	SILVA, Rosimere Viana Barbosa da/ 2015	Artigo de estudo qualitativo, através da revisão da literatura apresenta conceitos de adolescência, saúde e doença e a relação de pais e filhos na gestalt-terapia.	Propor uma discussão teórica acerca dos conflitos na relação entre os pais e filhos adolescentes, identificar quais os aspectos que dificultam essa relação, quando os conflitos se instalam e quais os ajustamentos criativos utilizados.	O adolescente e seus pais nessa fase do desenvolvimento passam por flutuações que consistem em aceitação e negação diante das mudanças físicas e psíquicas. É uma fase confusa e ambivalente, marcada por conflitos, que vai requerer dos pais e adolescentes novas posturas.
10	O paciente adolescente e a deliberação clínica sobre sua saúde	GARANITO, Marlene Pereira; ZAHERRUTHERFORD, Vera Lucia/2019	Artigo de Revisão de Literatura no banco de dados: Scielo, Lilacs e PubMed, no período de 1966 e 2017.	Realizar uma revisão da literatura sobre a participação do adolescente na tomada de decisão sobre a sua saúde.	Diretrizes internacionais recomendam que os adolescentes participem de discussões sobre sua doença, tratamento e tomada de decisão, mas não há um consenso quanto à avaliação da capacidade de tomada de decisão destes pacientes.
11	2. O self-box como experimento na atuação do gestalt-terapeuta com adolescentes	LIMA, Deyseane Maria Araújo/2019	Artigo de pesquisa qualitativa com um enfoque na pesquisa bibliográfica, recorrendo aos materiais já elaborados sobre o tema.	Compreender o uso do self-box (a caixa do eu) como experimento na clínica gestáltica com adolescentes.	O uso do self-box como experimento na clínica gestáltica promove aos adolescentes resgatar fatos sobre a sua infância, compreender a sua família, perceber suas atitudes, entrar em contato com seus sentimentos e suas emoções, propiciar novas percepções e reflexões sobre a sua existência, entre outros.

Continua.

Tabela 3: Artigos analisados

Nº	Título	Autor/ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados e Conclusões
12	Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia	PONCIAN O, Edna Lúcia Tinoco; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha/2014	Artigo de estudo exploratório através da entrevista com pais e mães de classe média do Rio de Janeiro com filhos com idade entre 15 e 26 anos.	Compreender a experiência de pais, que vivenciam a fase da adolescência dos filhos.	Os pais participam, oferecendo suporte à autonomia dos seus filhos jovens, relativizando a diferença hierárquica ao se aproximarem mais deles.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os resultados encontrados na busca abrangem diversos temas, métodos e objetivos, integrando dois (artigos 1 e 7) estudos de caso, dois (artigos 5 e 6) pesquisas de campo, oito artigos (2, 3, 4, 8, 9, 10, 11 e 12) estudos do tipo qualitativo, sendo dois (artigo 8 e 12) baseado em entrevistas e os outros seis artigos baseados em revisão da literatura.

Notou-se que 91,6 % dos artigos encontrados abordam a relevância da família no desenvolvimento da autonomia adolescente em algum aspecto, mesmo que de maneira desagregada, o que aponta para a importância destes nesse processo do amadurecimento.

No que compete às temáticas abordadas além do tema central, quatro artigos (3, 7, 8 e 10) tratam de temas secundários (saúde e pesquisa) atrelados a adolescência e/ou a autonomia, isso pode apontar para a diversidade de enfoques possíveis para o estudo da autonomia adolescente e seu desenvolvimento.

Quatro dos artigos trazem o enfoque da gestalt-terapia (artigos 1, 4, 9, 11), porém não se dedicam a analisar o conceito de autonomia na adolescência, abordando essa fase e/ou a relação familiar/parental de forma geral, o que aponta para uma escassez de estudos sobre o assunto nessa abordagem teórica.

Os anos dos artigos são bem variados, sendo no máximo dois estudos no mesmo ano, sendo os artigos mais recentes de 2019, três anos atrás, o que aponta para necessidade de novas

publicações sobre o tema. Diante disso, conclui-se que 50% dos artigos foram publicados a mais de seis anos.

Dos autores, percebe-se que a Paola Vargas Barbosa e a Adriana Wagner foram as únicas que escreveram mais de uma obra nos estudos analisados (artigos 2 e 6) destacando-se, nesta pesquisa, como estudiosas veteranas acerca da autonomia adolescente.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

5.1. A relevância da família no desenvolvimento da autonomia do adolescente

Percebe-se que tanto a influência familiar no desenvolvimento do adolescente como o próprio conceito de autonomia é amplo e entendido de diversas formas pelos autores analisados. Barbosa e Wagner (2013), no artigo 2, se dedicaram a traçar o conceito de autonomia adolescente na literatura, apresentando três perspectivas desta, sendo: autonomia comportamental, entendida como a capacidade de regular o próprio comportamento e tomar decisões, a autonomia emocional descrita como a habilidade de se perceber e compreender os pais como separados, sendo estas pessoas falíveis e normais, e a autonomia cognitiva apresentada como a competência de pensar de forma independente.

Outro entendimento sobre a autonomia é proposto nos estudos de Seidl-de-Moura et al. (2017), no artigo 5, em sua pesquisa sobre os modelos self, alegando que dois modelos enfatizam a autonomia, sendo um destes o autônomo-separado, característicos de famílias de relações independente e de baixa proximidade interpessoal, priorizando pela autovalorização do indivíduo e a autoconfiança pessoal. O segundo modelo apresentado é o autônomo-relacionado, presente em famílias interdependentes, valorizando tanto a tomada de decisão por conta própria e a habilidade de gestão da vida como a proximidade com a família.

Estes autores corroboram com as pesquisas de Kağitçibaşı (2012) que propõe que o modelo de self autônomo-relacional é um desenvolvimento mais saudável em um mundo globalizado, por desenvolver habilidades que se ajustam melhor a cultura contemporânea, destacando para a influência da proximidade relacional com a família como facilitador no desenvolvimento da autonomia.

Na perspectiva apresentada por Barbosa e Wagner (2015), no artigo 6, a autonomia é uma capacidade humana desenvolvida desde o nascimento, na aprendizagem do controle do corpo, reconhecimento dos próprios limites, desejos e expectativas dos outros. Tal habilidade é desenvolvida durante toda a vida, mas é na adolescência que se destaca como tarefa

desenvolvimental pela expectativa social sobre o processo de tornar-se adulto.

Esse desenvolvimento, é perpassado por tentativas e erros, experiências de sucesso e fracasso e acontece em relação ao outro. Autonomia então, é a capacidade de agir, pensar e decidir de acordo com aquilo que se percebe como próprio, exigindo além de limites bem estabelecidos (capacidade de distinguir entre si e o outro, de perceber as fronteiras onde se começa e se termina), uma construção de identidade e valores pessoais características que são adquiridas no processo de individuação que acontece na adolescência. (BARBOSA; WAGNER, 2015).

Silva (2015), no artigo 9, argumenta que os adolescentes almejam tomar suas próprias decisões e se afastam dos pais como uma forma de se afirmarem como um ser-no-mundo. Esse autor afirma que enquanto a criança vive sob proteção dos pais, estes suprem suas necessidades, já os adolescentes buscam suprir suas necessidades pelos próprios recursos.

Estes recursos e a própria percepção das necessidades, na Gestalt-terapia pode ser encontrada através do contato pleno, na awareness. Lima (2019), no artigo 11, argumenta baseado nos estudos de Cardella (2002) que, esta, caracteriza-se pela percepção espontânea de figuras que emergem a partir da necessidade prioritária do indivíduo, em um processo contínuo de figura-fundo.

A partir dessa percepção o adolescente busca por conta própria os recursos para satisfazer suas necessidades. Baroncelli (2012), no artigo 4, pontua que na adolescência ocorre uma mudança no campo do indivíduo, conhecendo mais pessoas, familiarizando-se com maiores áreas geográficas e informações, e possuindo maiores recursos físicos, sociais, cognitivos e de linguagem para contactar o ambiente e a si próprio.

Na perspectiva teórica da Gestalt-terapia sobre saúde e doença, é possível concluir, a partir de Lima (2019), no artigo 11, que um adolescente saudável em seu processo de desenvolvimento da autonomia percebe as possibilidades de encontrar novos caminhos no mundo. Enquanto o adolescente em adoecimento tende a focar-se na repetição e estagnação da maneira de ser com o mundo.

Sobre esse tema, Silva (2015) afirma no artigo 9, uma compreensão de saúde sob uma perspectiva de totalidade, de um constante fluir do self com o mundo e com o outro, enquanto o adoecimento é entendido como uma incapacidade momentânea de se autorregular. A relação de pais e filhos na adolescência às vezes adocece parcialmente devido às dificuldades que a família enfrenta de se ajustar diante das mudanças próprias da adolescência.

Seguindo essa perspectiva, Fischer e Macedo (2018), no artigo 1, alegam que os pais podem sentir dificuldades em lidar com o filho amadurecendo e modificando sua percepção do

campo existencial. Tanto Silva (2015) quanto Fischer e Macedo (2018) concordam com Mirabella (2013) para explicar atitudes prejudiciais dos pais diante das dificuldades encontradas na relação com os filhos adolescentes. Estas podem ser o controle excessivo ou a indiferença e/ou negação de suas responsabilidades.

Estes autores relatam que os pais que agem com controle excessivo se sentem inseguros quanto às escolhas que o filho faz e a pessoa que está se tornando, podendo agir dessa forma por acreditarem que essa fase seja nova e desconhecida na experiência desta família; já os pais que negligenciam suas obrigações tendem a ter dificuldade de acompanhar a vida dos filhos, por não entenderem e/ou controlarem esse amadurecimento de alguma forma, acabando por se isolarem em sua própria vida e ficando alheio a vida dos filhos. (FISCHER; MACEDO, 2018; SILVA, 2015).

Por outro lado, Barbosa e Wagner (2015) se referindo aos estudos de Maccoby e Martin (1983) postulam que os estilos parentais apresentam duas dimensões da educação parental que combinadas podem oferecer segurança, apoio emocional e suporte no desenvolvimento da autonomia, além de limites e orientações claras para os filhos, que são: a responsividade caracterizada pelo apoio emocional, comunicação clara e atenção às necessidades dos filhos, e a exigência que diz respeito à práticas de controle, regras e padrões de comportamentos.

Além de influenciar no desenvolvimento da autonomia, a relação entre pais e filhos pode também variar na habilidade de estabelecer limites. De acordo com Aguiar (2014), crianças que crescem com pais extremamente rígidos, aprendem “a engolir” mesmo o que não gostam, e acabam aceitando muitas coisas (ideias e atitudes) tóxicas que vem de fora. Tais indivíduos aprendem a não demonstrar seus sentimentos e não conseguem estabelecer limites em suas relações, por isso muitas vezes se sentem invadidos. Geralmente são indecisos e não conseguem resolver os problemas sozinhos, pois nunca aprenderam essa habilidade.

Em contrapartida, essa autora também pontua que crianças criadas de maneira muito permissiva, onde a possibilidade de discriminação é apresentada precocemente, quando ainda não tem maturidade cognitiva para tal, podem se tornar inseguras e amedrontadas. Também apresentam dificuldade de tomar decisão e não tem clareza para identificar seus sentimentos. Podem crescer sem noção nítida de limites em sua relação com os outros e com as situações.

Dessa forma, tanto o excesso de proteção e o alto nível de exigência quanto a escassez desta e o alto nível de permissividade, afetam a maneira de ser no mundo dos filhos. A primeira sufocando suas possibilidades de desenvolvimento e a segunda não permitindo que este construa uma forma adequada de suprir suas necessidades, por isso a maneira de fornecer proteção precisa mudar conforme o crescimento dos filhos, isto é, seu desenvolvimento

(AGUIAR, 2014).

Nesse tocante, Almeida et al. (2016) definem os pais superprotetores como aqueles que controlam excessivamente os seus filhos, que fazem tudo por estes a fim de evitar que estes sofram, podendo gerar indivíduos inseguros. Nesse cenário é importante frisar que esses filhos podem apresentar dificuldades de aprender a enfrentar os problemas da vida, porque sempre tiveram quem enfrentasse por eles.

É importante salientar que estes pais (superprotetores) tendem a ser inseguros, ansiosos e angustiados, tendo baixa autoconfiança e dificuldade de se afastar dos filhos por medo que algo de ruim lhe aconteça por sua culpa ou que alguém julgue seu modo de criar (ALMEIDA et al., 2016). Tais pais têm que aprender a lidar com as próprias inseguranças que os impedem de deixar os filhos crescer e enfrentar a vida sozinhos, como poeticamente relatado:

Monstros vão se tornar mais que alegoria; tão reais desleais pintam o dia-a-dia. Devo eu lhes espantar? Ou deixar você lutar, mesmo sozinho, arcar com as consequências de não ser mais um bebê (SCALENE, 2013, p. 3 a 5).

Nessa perspectiva torna-se relevante que os pais tenham atitudes no sentido de frustrar os filhos em determinadas situações com o objetivo de desenvolver autonomia nesses. Dessa forma, através da frustração criativa, os adolescentes podem receber incentivo suficiente para desenvolver seus próprios meios de lidar com as adversidades da vida e construírem seu caminho (PERLS, 1977).

Barbosa e Wagner (2013), no artigo 2, esclarecem que o clima familiar positivo (famílias com maiores suporte, conexão, comunicação aberta e regras claras) pode estar associado a maiores índices de autonomia, sendo associada a abertura dos adolescentes para supervisão; já o clima familiar negativo, característico de famílias coercitivas, que punem e/ou retiram o afeto dos filhos, apresentam menores índices de autonomia.

Ponciano e Féres-Carneiro (2014), no artigo 12, abordam uma perspectiva de autonomia e transição para vida adulta que relativiza a hierarquia parental, sugerindo uma relação entre pais e filhos adolescentes baseada na negociação das regras, maiores reciprocidade e respeito mútuo aproximando-se mais da igualdade do que da hierarquia.

Ante o exposto, esclarece-se que na perspectiva da Gestalt-terapia, podemos pensar na autonomia como a capacidade de compreender a situação e agir a partir disso. Perls (1977) afirma que se alguém compreende a situação e deixa que essa controle suas ações, aprenderá como lidar com a vida. Dessa forma o indivíduo autônomo corre riscos e enfrenta os sofrimentos, se compreende como sendo capaz e não temendo o mundo; assim, não se deixa controlar pelos outros, pois na maioria das vezes as pessoas são controladas por aquilo que

temem.

A autonomia possibilita praticidade na resolução de problemas e faz parte de se tornar adulto. Pessoas inseguras e controladoras manipulam o meio para correr riscos por elas, assumem o papel do que Perls (1977) chama de “bebê chorão”, aquele indivíduo que se recusa a crescer, que não quer assumir a responsabilidade pela vida adulta, e assim racionaliza, se apega as memórias da infância, manipula os outros para assumirem suas responsabilidades e temem o mundo por se sentirem incapazes de fazer qualquer coisa sozinhos.

Este autor argumenta que crescer significa estar só, e isto é pré-requisito para maturidade e contato com o mundo. Porém o isolamento ainda é sentir necessidade de apoio, mas este pode ser buscado e vivenciado de forma ampla, na qual não existe dependência de uma única fonte de apoio, mas a capacidade de perceber diversas possibilidades de conseguir aquilo que busca e se organizar, utilizando-se dos recursos do meio.

A partir disso entendemos que crescer e amadurecer é correr o risco, fazer escolhas e lidar com frustrações. Os adolescentes que estão nesse processo precisam de espaço e orientação para adquirirem maturidade. Eles precisam entrar em contato com suas próprias necessidades e potencialidades e compreender as situações para agir de acordo com elas; portanto, eles ainda não são adultos e não estão só, mas também não são crianças e precisam abandonar esse papel.

5.2. O contexto da pesquisa e da saúde

De acordo com Garanito e Zaher-Rutherford (2019), no artigo 10, a autonomia é entendida como habilidade associada à tomada de decisão, isto é, capacidade de escolha entre duas ou mais alternativas analisando os benefícios e consequências a curto, médio e longo prazo de cada opção. Estas autoras argumentam que a capacidade de decisão dos adolescentes é intermediária em comparação entre crianças e adultos.

No que compete ao tempo cronológico em que estes adolescentes estão preparados para tomar tais decisões, Velho, Quintana e Rossi (2014), no artigo 3, argumentam que para a maioria dos especialistas no assunto, geralmente os adolescentes a partir dos 14 anos de idade apresentam as habilidades necessárias para decidir sobre a própria saúde, enquanto Garanito e Zaher-Rutherford (2019), no artigo 10, pontuam que é dos 15 anos em diante que o adolescente adquire as competências básicas para tomada de decisão autônoma, desde que esteja em ambiente que essa habilidade é influenciada.

Estes artigos (10 e 3) falam sobre a expressão adolescente maduro/menor maduro, que

caracteriza o indivíduo que não chegou à maioridade jurídica, porém é psicologicamente maduro e capaz de decidir tanto acerca de sua saúde como da participação em pesquisas.

Convém pontuar que o artigo 3 reflete a respeito da capacidade decisória dos adolescentes em relação à participação em pesquisas clínicas e farmacológica, salientando que em alguns tipos de pesquisa seria razoável a participação dos adolescentes sem a necessidade de autorização dos pais, com a devida ciência pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O artigo 10 propõe que os adolescentes possam participar das decisões acerca de sua saúde, na mesma medida de sua capacidade decisória.

Considerando a tomada de decisão sobre a saúde, é importante salientar que nas circunstâncias de doenças graves, transtornos mentais e distúrbios que comprometam a apreciação e a racionalidade das decisões, algumas ressalvas devem ser consideradas e os prestadores de cuidados de saúde devem ser responsáveis por avaliar a capacidade decisória dos pacientes adolescentes e a medida em que podem tomar decisões sobre sua saúde. (GARANITO; ZAHER-RUTHERFORD, 2019)

Relevante atentar para promoção da autonomia tanto no cuidado da saúde de forma global como na atenção em saúde mental, Lima, Aguiar e Sousa (2016), no artigo 8, pontuam que em unidades de tratamento de doenças mentais como o CAPS é incentivado a ampliação das possibilidades de convivência social, de cidadania, protagonismo e autonomia dos usuários.

Dessa forma a participação nas tomadas de decisão sobre a saúde dos adolescentes usuários não é apenas importante, mas necessária em uma construção do sistema de saúde atual que não segue mais os modelos hierárquicos biomédico, que foca apenas no saber médico, mas parte de uma compreensão biopsicossocial, cuja intervenções são focadas em todo o campo interacional do indivíduo. (MARCO, 2006).

Devido a isso, a família como parte do campo interacional do indivíduo é essencial no desenvolvimento da autonomia de adolescentes usuários do sistema de saúde. Lima, Aguiar e Sousa (2016) destacam o ambiente familiar como um espaço importante no cuidado e reabilitação psicossocial, pois observou uma melhora significativa e ampliação da autonomia em situações de atuação conjunta entre a família e o serviço de saúde mental.

Bernardo et al (2018), no artigo 7, realçam a importância da família no desenvolvimento da autonomia ao argumentar que esta habilidade é maior quando os filhos têm melhor percepção dos pais como seus encorajadores e promotores de um self autônomo e com limites bem estabelecidos. Em contrapartida, sistemas familiares com limites indefinidos entre seus membros, onde a perceptibilidade do eu e do outro é deficiente, o indivíduo não distingue adequadamente entre estes, podendo se misturar com o outro, ou ter limites rígidos, e rejeitar

tudo aquilo que difere de si, dificultando a autonomia e criando um ambiente propício para o desenvolvimento de psicopatologias, como no caso do paciente analisado nesta obra (artigo 7), que possuía uma interdependência relacional com o pai e características de ansiedade similares às apresentadas pela mãe, pois se misturou, isto é mesclou seus comportamentos, pensamentos e sentimentos com os dos pais.

No processo de maturação e desenvolvimento da autonomia, conforme proposto por Granito e Zaher-Rutherford (2019), diversas mudanças são vividas no ambiente familiar. Nesse contexto, quando os filhos estabelecem novas relações com os pais, os genitores precisam aceitar que os filhos estão amadurecendo e tornando-se autônomos e que em breve não necessitarão mais dos cuidados parentais.

Portanto, as famílias cujas relações são saudáveis e os limites são bem estabelecidos passarão pelo processo de autorregulação para se adaptar às mudanças decorrentes da adolescência. Ribeiro (2006) postula que o princípio da autorregulação é o processo pelo qual o sujeito interage com seu meio e se auto-regula criativamente através dos seus recursos disponíveis buscando seu bem estar físico e psíquico. Logo, os ajustamentos criativos podem ser compreendidos como uma forma criativa que o indivíduo/membro da família encontra para se adaptar ao meio, ou seja, através do seu potencial criativo o membro cria novos modos de interação buscando a manutenção de um equilíbrio interno e com o meio familiar. (AGUIAR, 2014).

6 CONCLUSÃO

Considerando os resultados encontrados e a análise elaborada, conclui-se que a autonomia é uma importante habilidade desenvolvida ao longo de toda a vida, destacando-se na adolescência como marco do processo de tornar-se adulto. Nesse contexto, a partir da gestalt-terapia, a família do adolescente pode participar intimamente desse crescimento, seja facilitando o desenvolvimento da autonomia e promovendo relações saudáveis, através de limites bem estabelecidos com os filhos, ou prejudicando o progresso na aquisição desta habilidade, através da superproteção ou da negligência na relação com os filhos.

Tais atitudes parentais (superproteção e negligência) são provenientes da insegurança quanto a escolha dos filhos e quanto as adversidades que enfrentarão na vida, pois estes pais quando são superprotetores desejam eximir os filhos das experiências de sofrimentos e frustrações, ou quando são negligentes, se isolam em sua própria vida por não acompanhar as mudanças e escolhas do filho.

Conforme os estudos apresentados, indivíduos mais próximos da família, como provenientes de lares com clima familiar positivo ou que possuem um modelo de self autônomo relacional, apresentam maiores índices de autonomia e se ajustam melhor a sociedade contemporânea. Considerando a perspectiva da Gestalt-terapia, esse ajustamento pode ser entendido como compreender a situação e agir a partir disso, sendo esta uma característica própria da autonomia.

De acordo com os estudos nesta abordagem teórica é através da frustração criativa que o indivíduo é impulsionado a crescer, ser autônomo e encontrar por si mesmo os recursos para suprir suas necessidades, e neste processo é preciso uma solidão e uma expansão das fontes de apoio, de forma que não haja uma dependência de um único meio.

Constatou-se que a autonomia adolescente é um conceito amplo e diverso, que pode ser relacionado a outros contextos da vida do jovem como sua saúde e adoecimento e sua participação em pesquisas científicas. Nesta esfera, averiguou-se que o conceito de autonomia predominante é relacionado à tomada de decisões, e a contribuição da família consiste em fornecer o apoio e desafios ao longo da vida, além de orientações e práticas educativas conscientes.

A principal dificuldade para produção deste artigo, foi a escassez de artigos sobre o tema na perspectiva da gestalt-terapia, sendo imprescindível a busca fragmentada para construção desse estudo. Dessa forma, torna-se necessário mais pesquisas sobre a temática da relevância da família no desenvolvimento da autonomia adolescente a partir da gestalt-terapia, de forma que possa embasar práticas clínicas e educacionais que facilite o processo de tornar-se adulto.

No mais, esta pesquisa pode contribuir teoricamente com o meio acadêmico, pois possibilita uma análise abrangente da influência da família no desenvolvimento da autonomia de adolescentes a partir da gestalt-terapia, além de auxiliar psicólogos, pais e professores em suas práticas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-Terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo. Summus, 2014.

ALMEIDA, Ana Carla Fonseca de et al. **Consequências Sociais da Superproteção Parental em Adolescentes**. Revista de Trabalhos Acadêmicos – Universo Belo Horizonte, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2016.

BARBOSA, Paola Vargas e WAGNER, Adriana. **A autonomia na adolescência: revisando conceitos, modelos e variáveis**. 2013. 10 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

BARBOSA, Paola Vargas. **O desenvolvimento da autonomia adolescente: contexto, valores, estilos educativos e a legitimidade da autoridade parental**. 135 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.

BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. **Como se define a autonomia?: O perfil discriminante em adolescentes gaúchos**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 1077-1090, dez. 2015.

BARONCELLI, Lauane. Adolescência: fenômeno singular e de campo. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez. 2012.

BERNARDO, Margarida [et al.]. **Entre o medo e o desejo de crescer**. Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. ISSN 1647-4120. 9:2 (2018) 175-188, 2018.

CARDELLA, Beatiz. H. P. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus. 2002.

CORDEIRO, Alice Aparecida Pacheco. **O Encontro Na Abordagem Fenomenológico Existencial Gestáltica**. 40 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CUNHA, Augusto Carlos Rodrigues da. **Gestalt-terapia e adolescência na atualidade: uma revisão de literatura**. 2018. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

DIAS, Bárbara Zaida Rampa; LIMA, Ana Maria Veiga. **Adolescência na contemporaneidade: Uma perspectiva dialógica**. Igt na Rede, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 4-38, 19 nov. 2018.

ERCOLE, Flavia Falci; MELO, Lais Samara; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. **Revisão integrativa versus sistemática**. Rer Min Enferm. 2014.

FISCHER, Daniela; MACEDO, Maria Luisa Wunderlich dos Santos de. **Adolescência e contexto familiar: reflexões a partir da Gestalt-Terapia**. Boletim Entresis, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 67-77, jun. 2018.

3. FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt terapia fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**, São Paulo: Summus, 2013.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais 2**. São Paulo: Summus, 2014. 133 p.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt de. **A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica**. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 85-104, 2016.

GARANITO, Marlene Pereira; ZAHER-RUTHERFORD, Vera Lucia. **O paciente adolescente e a deliberação clínica sobre sua saúde**. Revista Paulista de Pediatria, [S.L.], v. 37, n. 4, p. 503-509, 2019.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: Uma Terapia do Contato**. São Paulo: Summus, 1995.

GUALBERTO, Andressa Tavares e Silva; ANDRADE, Celana Cardoso. **Tornar-se Pais: uma compreensão gestáltica das diferentes parentalidades contemporâneas**. Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica, [S.L.], v. 27, n. 3, p. 267-277, 2021.

KAĞITÇIBAŞI, Ç. **Socio-cultural change and integrative syntheses in human development: Autonomous-related self and social-cognitive competence**. Child Development Perspectives, [S.L.], v. 6, n.1, p. 5-11, 2012.

LIMA, Deyseane Maria Araújo. **O self-box como experimento na atuação do gestalt-terapeuta com adolescentes**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 25, n. 3, p. 313-322, dez. 2019.

LIMA, Mirla da Silva; AGUIAR, Ana Caroline Leite de; SOUSA, Mabel Melo. **O Cuidado Compartilhado em Saúde Mental como Potencial de Autonomia do Usuário**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 20, n. 4, p. 675-688, 2016.

LEHMKUHL, Larissa. **A criatividade como potencializadora do processo gestalt-terapêutico**. 12 v. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MACCOBY, E.; MARTIN, J. Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development. Wiley Ed.: New York. 1983.

MARCO, Mario Alfredo de. **Do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial: um projeto de educação permanente**. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 60-72, abr. 2006.

MIRABELA, Ana. Maria; ZANELLA, Rosana. **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus. 2013.

NASCIMENTO, Lázaro. Castro.Silva.; Ribeiro, Jorge Ponciano. **Reflexões acerca da formação em Gestalt-terapia no Brasil**. Psi UNISC, 142-153, 2017.

PERLS, Frederick S. **Gestalt Terapia Explicada**. São Paulo Summus, 1977.

PINHEIRO, Lia; ZANELLA, Rosana. **Adolescência na Clínica Gestáltica**. São Paulo: Summus, 2021. 208 p

PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia**. Psicologia: Reflexão e Crítica, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 388-397, 2014.

PRÁ, Desirée Daí. **A Diversidade na Configuração Familiar: uma revisão da literatura**. 2013. 33 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 8.d.- São Paulo: Summus, 2019.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho.** São Paulo: Summus, 2011.

SCALENE. **Anoiteceu.** Real/Surreal. Rio de Janeiro: Som Livre: 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vTLUSvIUR-U>. Acesso em 6 nov. 2021.

SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia et al. **Autonomia-Relacionada como Tendência do Desenvolvimento do Self: novas evidências em um contexto brasileiro.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro, v. 33, p. 1-9, 30 nov. 2017.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência.** Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 28, n. 1, p. 101-108, Mar. 2012.

SILVA, Rosimere Viana Barbosa da. **Os Conflitos na Fronteira de Contato entre Pais e Filhos Adolescentes.** Instituto de Gestalt-Terapia, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-14, dez. 2015.

VELHO, Maria Teresa Aquino de Campos; QUINTANA, Alberto Manuel; ROSS, Alvaro Garcia. **Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos.** Rev. Bioét., Santa Maria/Rs, v. 1, n. 22, p. 76-84, 2014.

WAGNER, Adriana. **Desafios Psicossociais da Família Contemporânea: Pesquisas e Reflexões.** Artmed: Porto Alegre, 2011.